

A JUSTIÇA RESTAUTIVA

Entrevista com Mônica Mumme

Bianca Veloso

Táisa Ambrosio Pinto

CONTE UM POUCO DA SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL NO MOMENTO QUE VOCÊ INICIA TUDO ISSO, O MOMENTO QUE VOCÊ SE ENCONTRA COM A JUSTIÇA RESTAURATIVA, ELABORA PROJETOS ATÉ OS DIAS ATUAIS.

Sou professora, comecei minha vida profissional dentro da escola, dando aulas para crianças pequenas, depois coordenadora, fiz a coordenação geral de uma creche. E num dado momento eu entendi que seria interessante continuar pensando educação, mas fora do espaço escolar, entender a educação de uma maneira mais ampla, e comecei a trabalhar com projetos sociais. O primeiro grupo que trabalhei foi com jovens e fiquei muito encantada com a possibilidade que você tem com esse grupo de ajuda-los a descobrir o mundo a partir do olhar deles, não determinando para eles a vida que eles terão, mas buscando com eles entender em que medidas que eles descobrem suas possibilidades.

Em seguida comecei a trabalhar no CECIP que é o centro de criação de imagens popular, onde permaneci por muitos anos, aprendi muito, é uma instituição que trabalha com projetos sociais, com uma lógica bastante interessante no sentido de uma educação que é reflexiva, educação que pensa junto com aqueles que estão desenvolvendo os projetos, como que as suas vidas podem ser melhor, e foi no CECIP que eu me aproximo da justiça restaurativa. E em 2005 a justiça restaurativa chega ao Brasil através de três projetos pilotos, um acontecendo com adultos em Brasília e o outro acontecendo em Porto Alegre com os meninos em cumprimento de medidas e em São Paulo que foi o projeto que me aproximei e ele chega na parceria com a educação. Nesse momento a coordenadora pedagógica do CECIP, em uma conversa com o juiz que nos procurou para produzir materiais que é uma das linhas de ação do CECIP, faz uma boa pergunta e diz: não vamos mas só produzir materiais vamos envolver a escola nesse tema de justiça restaurativa.

Nesse momento eu ainda não estava próxima do projeto, eu coordenava os projetos do CECIP, esse seria só mais um, importante para a instituição. No entanto minha primeira aproximação com o tema me causou muita estranheza, eu não conseguia compreender bem justiça restaurativa, porque vamos fazer justiça na escola, que história é essa? A justiça está no tribunal e a partir daí foi desenvolvido esse projeto, que foi uma experiência piloto em São Paulo com três escolas em São Caetano do Sul, eu ainda realmente não estava próxima e esse projeto foi desenvolvido sobre uma coordenação que trouxe bons resultados, resultados que fazia com que valesse a pena seguir entendendo que história era essa. O que era justiça restaurativa, o que

era educação junto com esse tema, e esse projeto se expande, foi então que eu comecei a fazer o trabalho de formação. Então eu chego à justiça restaurativa, muito tranquila de dizer hoje, que eu cheguei com muitas resistências e também com tantas dúvidas tentando entender que história é essa, então em 2006 quando eu começo a fazer o processo de formação dos grupos nesse projeto já expandido já para outras regiões, Heliópolis e Guarulhos, também com o apoio da Secretaria de Educação do Estado. Eu realmente me apaixonei pela justiça restaurativa porque entendi que ali havia um caminho efetivo, um trabalho com os seres humanos. E eu confesso que naquele momento era uma grande investigação, eram mais perguntas do que respostas. Mas encontrei grupos tanto em Heliópolis quanto em Guarulhos, de pessoas muito interessadas em também achar respostas. Nesse momento encontro com dois juízes muito importantes na construção da justiça restaurativa que é o Eguiberto de Almeida Penido e o Daniel Isles, os dois foram absolutamente parceiros na construção do entendimento sobre o que é afinal essa justiça restaurativa. Daí comecei a desenvolver projetos, esses projetos foram aumentando. E no ano passado sai do CECIP e fundei um espaço, que chama laboratórios de convivência, que nasce com a ideia de reunir pessoas para pensar a convivência. Porque eu penso que ainda estamos engatinhando nessa história de convivência pacífica, precisamos ainda realmente construir saberes, competências e habilidades que nos ajude a permanecer com tempo maior num estado pacífico, de uma forma mais humana de nos cuidar e cuidar do outro. Então desde o ano passado o laboratório de convivência tem desenvolvido uma série de atividades focados em dois assuntos em especial que é a justiça restaurativa e educação para pais, que eu acho que são dois assuntos que dialogam muito bem, e que trazem respostas reais e efetivas que eu já comprovei, e então eu entro nessa história em 2006 com muitas dúvidas e hoje eu tenho muitas certezas.

QUAL É O VERDADEIRO OBJETIVO DA JUSTIÇA RESTAURATIVA?

Acho que vale contar como eu fui entendendo esse caminho da justiça restaurativa. Quando comecei a trabalhar com esse tema parecia que o procedimento, seja a técnica que se aprende dentro da lógica da justiça restaurativa, o seja as práticas restaurativas, eram o ponto central do desenvolvimento de um projeto de justiça restaurativa e trabalhar a instituição e a rede, ou seja, esses dois eixos eram complementares a esse eixo central da prática restaurativa. Durante muito tempo nós desenvolvemos trabalhos e esses trabalhos em Heliópolis e em Guarulhos começaram com a formação, quer dizer com duas pessoas que foram fundamentais no processo normativo das práticas restaurativas que foram Dominic Barther e a Vania Iasbeque, então nós desenvolvemos durante um tempo o projeto com esse contorno. Então no centro as práticas e no apoio complementar as mudanças constitucionais e sociais. Andando mais um pouco e tentando buscar novas respostas, porque um projeto em minha opinião é vivo, quando ele olha muito mais para aquilo que não está dando certo ainda do que para aquilo que já aprendemos. Assim como na hora de resolver um conflito precisamos fazer perguntas para avançar em uma mudança social também. Fui me dando conta de que sim as práticas restaurativas elas são fundamentais mas

que elas sozinhas não ou apenas com o apoio complementar, ela não traz toda a sua potencialidade. Foi então que fiz a primeira mudança nessa estrutura e comecei a colocar pelo menos em termos de desenho de projeto, os três eixos como fundamentais para o desenvolvimento de um projeto que trata do tema justiça restaurativa.

O eixo de práticas restaurativas, o eixo de mudanças institucionais e de rede social. Se você não trabalha esses três eixos concomitantemente e entrelaçados não se consegue avançar o tanto que é necessário para trazer as respostas necessárias para situações de conflito e violência. Então a partir daí comecei a me dar conta de que na verdade quando estamos falando de violência, estamos falando de três dimensões: Uma que é a dimensão relacional e a outra que é a dimensão social de um conflito, de uma violência e outra dimensão institucional comunitária. Avançando mais um pouco eu comecei a perceber que foi quando eu conheci o processo circular, que é um tipo de prática restaurativa, o processo de construção que está dentro da ideia de círculo de construção de paz, eu aprendi a olhar a convivência com esse instrumento. Ai me deu um “clic” no desenvolvimento dos projetos e na época estávamos fazendo um trabalho com as escolas municipais em São José dos Campos e me dei conta de que para se trabalhar a questão da justiça restaurativa na realidade se precisa trabalhar não a violência e o conflito mas a convivência, precisa entender todo esse universo relacional que é tão rico, que é tão plural, que é tão desafiador mas que não se restringe só à questão da violência, então temos ali a possibilidade em termo de convivência, é a possibilidade de entender como essas relações se constroem e que força tem uma relação quando ela se constrói, de você aprender competências e habilidades para fazer uma escolha consciente de produzir paz ao invés de mais violência. Então hoje eu defino justiça restaurativa entendendo esses três eixos e essas três dimensões e pensando que a justiça restaurativa e aquela inquietação inicial que era mas porque trabalhar com a justiça restaurativa se ela é uma justiça de tribunal, quando uma justiça que estou falando? Hoje eu tenho claro que a justiça restaurativa é uma justiça que resgata o valor numa convivência.

ELA É TRABALHADA APENAS EM TRIBUNAIS? SE NÃO, AONDE MAIS ELA PODE SER TRABALHADA?

Ela é trabalhada no tribunal eu entendo o tribunal como espaço social e que tem sua função social de olhar para esse universo de uma convivência e ele tem seu lugar, mas é interessante talvez convidar as pessoas a refletirem assim, quando falamos em justiça pelo menos era uma coisa forte para mim, justiça era algo que estava no tribunal. Eu não conseguia traduzir justiça a um lugar bom. Eu tenho uma experiência injusta, qual é o lugar que vou buscar a justiça? No tribunal, e não é isso. No tribunal vou buscar a justiça, mas a justiça ela está em todos os lugares, ela é da sociedade, então se a justiça é da sociedade, construir uma sociedade justa e ética não se constrói no tribunal, se constrói também com o tribunal. Então a justiça restaurativa para mim ela está em todos os espaços aonde as pessoas constroem relações.

COMO QUE VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA JUSTIÇA RESTAURATIVA E A EDUCAÇÃO?

A justiça restaurativa e a educação elas tem laços muito fortes, se pensamos que é a escola é um lugar de convivência obrigatória e sistemática, ou seja, eu não vou à escola quando quero, eu vou à escola todos os dias, eu professor, eu aluno, equipe de apoio, direção e a escola se constroem a partir das relações, uma das funções dela é ensinar conteúdos, mas ela tem ali um grupo de pessoas diversas, com culturas diferentes, com pensamentos diferentes, com entendimentos sobre a vida diferentes e em diferentes funções, então ela tem um terreno tão fértil para que possamos justamente aprender como se convive. E na hora que estamos aprendendo ou mesmo quando sabemos um pouco conviver, conflitos existem, o primeiro conflito que existe é o conflito que se tem consigo mesmo, e ele não é bom e nem ruim, ele é. A forma que como vou lidar com ele, a maneira com que eu vou transformar esse conflito em aprendizagem ou em violência aí que está a questão. Então justiça restaurativa no espaço de convivência sistemática e obrigatória ela joga à luz as possibilidades que eu tenho diante de um conflito aprender com ele.

EXISTEM VÁRIAS CONCEPÇÕES DE JUSTIÇA RESTAURATIVA? E QUAL É A SUA CONCEPÇÃO?

Existem sim, eu acho isso muito bom. A primeira coisa que eu gostaria era de celebrar de que existem essas várias possibilidades de se entender o mesmo tema, e ele ainda deve ser bem investigado com essas diferentes possibilidades e entendimentos, porque senão a gente vai colocar a justiça restaurativa num padrão de entendimento e ela vem para mudar um paradigma, se a gente coloca-lo em uma caixinha ela ficará engessada e ela virá com uma roupagem nova, mas ela servirá a um padrão antigo e isso é tudo que não precisamos. Nessa experiência de anos e intensa porque você trabalha com um assunto muito delicado, transformador e desafiador e quem entra no caminho da justiça restaurativa entra no lugar de muita dedicação, hoje como eu entendo a justiça restaurativa a partir de leituras, a partir de ações e principalmente a partir do desenvolvimento de projetos que são muitos que desenvolvi e acompanhei. A justiça restaurativa para mim ela é muito mais que um conhecimento e prática restaurativa, ela não pode se restringir a definição de que é um encontro onde as pessoas desenvolvem a prática para resolver que dão conta para que possamos resolver essas três dimensões do conflito.

Se focamos o desenvolvimento da justiça restaurativa em um procedimento, em uma prática restaurativa, atingimos uma parte do que ela nos traz, reduzindo todo potencial que ela tem de trazer questões para as convivências institucionais, comunitárias e sociais, ela tem a ver com um procedimento que traz uma prática para resolver situações de conflito mas para celebrarem resultados interessantes para você se reunir e entender como que uma decisão pode ser feita com uma gestão compartilhada de ideias, essa prática restaurativa ele serve para o conflito mas para outros momentos que se precise estar juntos tomando decisões, celebrando, encontrando. Além disso, a

justiça restaurativa tem nos seus princípios e nos seus valores dicas muito importantes de como uma instituição, seja de convivência sistemática, seja de convivência pontual pode organizar a convivência entre seus pares ou seus ímpares. Mas que possa organizar esse processo que precisa de uma lógica, como que é normalmente entendemos a lógica da convivência institucional, uma lógica punitiva. Quando alguém não funciona da maneira que se espera, a punição é uma resposta e às vezes a única maneira que as pessoas entendem que podem estar resolvendo uma questão. A punição se ela funcionasse, estaríamos com uma sociedade muito tranquila porque mecanismos punitivos existem aos montes, e a reincidência e o aumento da violência é um fato na nossa sociedade. Então a justiça restaurativa na minha concepção pode e traz respostas para que a gente transite de uma lógica punitiva para uma lógica de responsabilidade e além disso a justiça restaurativa ela toca em dos assuntos mais delicados que na minha opinião está posto na hora que falamos sobre violência e conflito, que é a questão da rede de garantias de direitos fundamentais, não estou falando só em relação a jovens e crianças, estou falando em relação a todos, adultos, idosos. Que apoio a pessoa precisa para transitar de um comportamento violento para ter um comportamento diferente e tanto aquele que comete ato violento ele pode acessar qual é a responsabilidade dele, porque ele fez uma escolha, muitas pessoas passam pelas mesmas situações e não fazem as mesmas escolhas, como que essa pessoa na medida que participa de um processo circular, ela consegue ter consciência sobre sua responsabilidade, porque a punição ela é um controle sobre o outro, a responsabilidade e a expansão do entendimento dessa pessoa sobre o que ela cometeu, é um convite a ele poder trazer novas respostas. É como a justiça restaurativa nessa perspectiva da dimensão social pode trazer um apoio, não fazer por mais um apoio para que aja um exercício efetivo gradual de mudança de comportamento.

COMO OCORREM ESSAS TÉCNICAS, ESSES PROCEDIMENTOS DOS CÍRCULOS RESTAURATIVOS?

O procedimento como eu disse você tem um universo muito grande de práticas restaurativas. Eu conheço vários e me identifico muito com os círculos de construção da paz dos processos circulares. Como que ele acontece? Você reúne pessoas para sentarem em círculos e essas pessoas são afetados diretos, estou falando de um círculo que seja de resolução de ato violento, porque você tem um outro universo que tem outras possibilidades para você está sentando, como eu disse antes. Mas você então reúne essas pessoas que elas os afetados diretamente digo pessoas que supostamente são vítimas e supostamente que é o ofensor. E você reúne pessoas que indiretamente estão relacionadas a essa situação de violência. Que pessoas são essas? Tem um grupo de pessoas que estão diretamente ligadas a pessoas que viveram a experiência violenta mas tem também um grupo que pode estar ali, deve estar ali para se pensar juntos quais são as opções que se tem dali para a frente se você tem uma situação aonde você sabe que tem envolvido ali um ato violento ou uma questão de [inaudível]. Quem é que você pode chamar da política pública, ou seja, de um CAPS, que pode estar sentado ali para pensar junto alternativas para o futuro, você

tem a mãe do ofensor e da vítima, você tem um amigo que vai ajudar essa pessoa a estar nesse círculo, mas você também tem profissionais da rede, você tem pessoas que podem trazer concretamente caminhos na hora que você tem etapas no círculo que são feitas e que estão preparadas, se tem um guardião que é uma pessoa formada e capacitada para fazer esse papel para criar um espaço seguro, porque vai se falar de coisas importantes ali, e você parte de dois princípios importantes, o que está em jogo ali são sentimentos e necessidades. Ali não está se tendo uma prova sobre o ato, ninguém está buscando uma sentença, está se buscando construir um acordo que ajude as pessoas a exercitarem novo comportamento dali em diante. Então se recebe o grupo, esse grupo já aderiu voluntariamente a participar, não se obriga ninguém a participar de um círculo, porque seria uma contradição, é uma participação voluntária, onde as pessoas sabem o que estão fazendo ali, em seguida a essa chegada você tem uma rodada aonde as pessoas vão combinar como vão fazer essa conversa, oferecer o melhor o que elas tem de si para poder ser uma conversa que suporte a dor, a emoção, a tristeza, a raiva e você possa transformar isso em aprendizado e no novo agir em diante. Tem um momento fundamental no processo circular que é a hora que se conta histórias, não necessariamente ligadas a um fato corrido, mas histórias. Um exemplo que sempre dou que é muito bom, é: conte uma história da sua vida que na hora parecia um grande limão e virou uma maravilhosa limonada. Porque quando contamos histórias no círculo para que se possa resgatar a humanidade, para que se possa sair de um lugar onde você está vendo o outro apenas como o ofensor ou aquele que comete um ato e todo o resto que ele tem acaba morrendo, não é visto mais, para que possamos resgatar a humanidade e que aquele fato seja um fato e não a pessoa toda. E nesse resgate a humanidade na hora que se conta as histórias é muito interessante porque as vezes as pessoas que estão em confronto elas se identificam na outra história e se reconhecem na fala, após esse momento tem uma rodada ou várias rodadas dependendo da necessidade onde você toca na questão do conflito propriamente e em seguida se fecha o círculo de uma maneira a perguntar o que você precisa para resgatar essa situação e o que você oferece? E a gente constrói o plano de ação.

VOCÊ FALA TODO MOMENTO DA QUESTÃO DO CONFLITO E DA VIOLÊNCIA. O SEU OLHAR QUE VOCÊ TEM HOJE, QUE É TODO UM OLHAR CONSTRUÍDO. É UM OLHAR DIFERENTE DO OLHAR QUE VOCÊ TINHA ANTES DE COMEÇAR A TRABALHAR COM JUSTIÇA RESTAURATIVA ESPECIALMENTE SOBRE O CONFLITO E SOBRE A VIOLÊNCIA?

Sim, antes para mim conflito e violência era a mesma coisa, a pessoa estava em conflito ela estava em um ato violento, eu não reconhecia o conflito como algo que podia produzir novos caminhos, novos aprendizados e novas possibilidades. Para mim é claro hoje que o conflito ele faz parte das relações, como eu disse antes, as relações é eu primeiro, eu comigo mesmo e o eu como o outro. E um conflito ele produz um entendimento diferente sobre uma situação, ele pode trazer novas perspectivas. Quando é que eu acho que saímos de uma situação de conflito para uma situação de violência? Quando esse conflito não é cuidado, quando ele de alguma maneira

se repete no dia a dia, ele cria uma situação de impossibilidade de comunicação, ele começa a mexer nas emoções e começa trazer uma forma de contato com o outro que é violenta. Eu entendendo a violência de uma maneira que eu não quero reduzir, mas assim, é a negação dos direitos fundamentais, é um pedido desesperado, atrapalhado, equivocado de ajuda. Quem está cometendo um ato violento, essa pessoa não está conseguindo usar outra forma, e tem inúmeras variáveis para esse não conseguir. E eu entendo que dessa maneira a pessoa vai reproduzindo e não escolhendo outras formas, ele reproduz a violência como se fosse uma única maneira que ela tem para mudar aquela situação de imenso desconforto, volto a dizer que quando alguém comete um ato violento tem uma escolha, ninguém é vítima, não se trata de entender um ato violento reduzindo a isso, e dizendo mas coitado ele estava atrapalhado, tem uma escolha. Mas me parece que seria muito pouco produtivo continuar entendendo a violência, o ato violento, indo para o outro lugar que é dizendo: ele é um ofensor, ele é o culpado, e assim está nos extremos. Como ajudar a olhar para a violência como algo que pode ser revertido a partir de uma escuta desse ato atrapalhado, com uma responsabilização sobre esse ato, e essa responsabilização trazendo uma nova forma de agir.

VOCÊ FALA NO INÍCIO DA SUA EXPERIÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR E PERCEBE SE QUE ISSO FOI DE UMA FORMA DOMINANTE. VOCÊ ACHA QUE A JUSTIÇA RESTAURATIVA TEM VEZ NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO?

Nesse percurso eu sempre trabalhei com a educação, mas eu também trabalho muito com a justiça, com tribunal de justiça, com pessoas que estão nas varas de infância, nos juizados, enfim nesse mundo da justiça do tribunal. E também já trabalhei com pessoas de medidas socioeducativas então hoje eu digo que sou muito feliz por esse caminho, por conta dessa diversidade institucional que estou transitando.

As medidas socioeducativas são lugares muito importantes para o desenvolvimento da justiça restaurativa, porque tem ali o exercício de ajudar os jovens que estão em cumprimento de medidas a resgatarem dois pontos importantes, um é a responsabilidade pelo ato cometido, a negação desse ato ela não transforma o que é necessário, ser transformado. Mas a culpa desse menino, culpabilizá-lo e reduzir isso à uma punição também não vai ajudá-lo a ter consciência sobre o que ele fez e ajudá-lo a ter novas escolhas. O ponto fundamental de trabalho na medida socioeducativa tem a ver com a responsabilidade. O outro ponto é a questão de resgate da humanidade, atos violentos e principalmente aqueles reincidentes vão desumanizando a pessoa, e aqueles que estão sofrendo o ato violento.

Então é importante dizer que na justiça restaurativa há um cuidado com a responsabilidade daquele que comete, mas há um cuidado muito grande com a vítima, porque em um processo tradicional a vítima é apenas uma testemunha, os seus sentimentos e suas necessidades não estão nas medidas socioeducativas a justiça restaurativa entra dando um reforço ao cumprimento da medida, uma medida responsável e que possa ser construída com a participação desse menino, de como ele vai desenvolver e experimentar por exemplo sua privação de liberdade ou como é quando ele sai e tem o PIA para ser feito, e como que ele vai estar no PIA oferecendo

ações de responsabilidade sobre o que fez e mostrando um exercício do cumprimento do plano de ação, como que ele pode fazer diferente, e aprender a fazer diferente, então as medidas socioeducativas acolhem, me parece todos os princípios da justiça restaurativa.

NA SUA OPINIÃO SERIA UMA CONTRADIÇÃO, VOCÊ ENTENDE COMO CONTRADIÇÃO TRABALHAR A JUSTIÇA RESTAURATIVA NOS SISTEMAS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE? QUE COMO FALAMOS, SEMPRE HISTORICAMENTE MARCADA PELO VIÉS DA PUNIÇÃO E DA DISCIPLINIZAÇÃO. DÁ PARA SUPERAR ESSA CONCEPÇÃO A PARTIR DA JUSTIÇA RESTAURATIVA?

Sim, dá porque estamos falando desse eixo, dessa dimensão institucional, onde a justiça restaurativa já dá luz, todas as instituições, não só as instituições de privação de liberdade, lidam com a situação de violência com mecanismos punitivos, a sociedade lida com a violência com mecanismos punitivos, então é possível olhar para essa instituição não culpando a, quer dizer não se trata da gente estar trazendo e refletindo sobre a possibilidade de um novo paradigma e culpar as pessoas porque as instituições são punitivas. Isso foi construído historicamente, se foi construído historicamente pode ser desconstruído. Quando uma instituição de privação de liberdade acolhe a justiça restaurativa ela está colhendo procedimento mas ela tem o papel importante de olhar a maneira com que essa convivência é estabelecida, como a disciplina é trabalhada, como é quando um rapaz ou uma moça não cumpre aquilo que foi acordado com uma norma como é que se lida com isso? Existe mecanismos de responsabilidade que não são os mecanismos punitivos, essa instituição precisará repensar a sua forma de tratar aquilo que não está dentro dos padrões, que não se espera como comportamento adequado, não adianta aumentar a pena do menino, quer dizer isso na concepção da justiça restaurativa se ela não está envolvida e oferecendo as responsabilidades que lhes cabem isso não vai modificar então, isso é possível se a instituição tiver vontade de se repensar.

VOCÊ SEMPRE AFIRMA QUE A ESCOLA PRODUZ VIOLÊNCIA. QUERIA QUE VOCÊ FALASSE UM POUCO SOBRE ISSO, SE É A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E SE VOCÊ ACHA QUE TAMBÉM AS INSTITUIÇÕES COMO O DEGASE E AS INSTITUIÇÕES DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE TAMBÉM PRODUZ VIOLÊNCIA E FALA UM POUCO SOBRE ESSA VIOLÊNCIA. E ENTÃO COMO LIDAR COM ISSO?

Acho que toda instituição, não só a escola, mas qualquer instituição ela produz violência e recebe violência, nunca numa lógica de convivência algo é unilateral, a escola produz violência, mas também produz paz, o DEGASE produz violência mas também produz paz, a família produz violência e produz paz. Nós ainda somos seres humanos contraditórios nessa produção. Eu acho que é importante dizer isso, mas também ressaltar que a escola sofre uma influência dessa violência que está no entorno dela.

No entanto dela, o DEGASE, a igreja também, acho que a imagem que consigo fazer diante dessas questões é uma imagem de uma rede conectada mesmo, ninguém tá isolado na produção de violência e nem na produção da paz. Então o que pode ser feito é institucionalizar o diálogo que não se tem nessas instituições é o único caminho para a gente começar a reverter esse ponto desafiador que é a mais produção da violência porque aprendemos a cuidar da violência produzindo uma violência maior, se não aprendermos na medida em que a produção da violência ocorre, a criar mecanismos de diálogos que isso significa escuta e fala, a convivência ela tem sido organizada historicamente por isso hoje experimentamos a convivência dessa maneira, um fala e muitos escutam, que é uma lógica muito presente em todos esses lugares, tudo bem sempre terá alguém com a função de falar, de apresentar ideias, conteúdos, e princípios, mas em que lugar que estamos construindo institucionalmente, ou seja, validando o diálogo, como fazendo parte da construção da convivência, e diálogo em roda ninguém tem o poder sobre o outro, todos tem o poder com o outro, isso é uma diferença muito grande, não adianta sentarem roda e um continuar falando e os trinta ficarem em silêncio. Por isso é um círculo, pois círculo parte do princípio da horizontalidade, e horizontalidade não desconstrói o lugar específico que cada um tem.

NAS SUAS AULAS VOCÊ SEMPRE APONTA QUE O CONFLITO OFERECE MUITAS POSSIBILIDADES, POSSIBILIDADES DE QUE E PARA QUE, QUAIS AS POSSIBILIDADES DO CONFLITO?

Quando entramos em conflito alguma coisa está e desarmonia. E se eu cuidar dele eu não terei necessidade de expressar esse desencontro por meio de uma to violento. Quando eu posso utilizar o diálogo, ou seja, a minha fala e a minha escuta sobre uma questão que está em divergência, eu tenho condições de aprender sobre o que eu penso e sinto e o outro também, é a partir dessas escuta e daquilo que conseguimos obter na medida que escuta o outro que é uma compreensão mútua sobre aspectos diferentes. E que além de eu estar trabalhando em uma lógica de flexibilização das minhas opiniões, eu também estou descobrindo novas perspectivas de algo que eu não consigo enxergar, porque a gente não consegue enxergar tudo, então incluindo na convivência a possibilidade de múltiplos olhares, é transformar o conflito em uma aprendizagem.

NESSE NOVO PARADIGMA COMO O SOCIOEDUCADOR E O TÉCNICO EM SUA OPINIÃO DEVE SER PERCEBER?

Ele tem um papel fundamental no contato com os jovens de ajuda- lo, e fazer um exercício de um cumprimento de medidas, e isso é desafiador. Eu acho que o papel que eles podem desempenhar nessa convivência é ajuda los a construir possibilidades de fazer novas escolhas, então se um agente educador diante de uma situação de conflito, ele consegue, ele sabe fazer um procedimento restaurativo, ele conseguiria harmonizar essa convivência, trazendo para o jovem um aprendizado. Sobre como uma escolha responsável de resolver suas questões de frustração, raiva e tudo aquilo que está envolvido em um ato violento, tem ali uma experiência que ele levaria para

os jovens, porque essa não me parece ser uma experiência que adianta eu trabalhar por meio de conteúdo apenas, eu tenho que experimentar mesmo, se eu ofereço em um ser uma atitude que é por exemplo, não eu vou agora antes de dar um soco eu vou procurar alguém para me ajudar, eu vou buscar fazer o exercício de não reagir dando um soco, eu vou gritar mas não vou dar um soco, se esse jovem consegue oferecer alguma ação concreta diante de uma situação que ele foi violento, não estamos trabalhando em um nível do convencimento e nem do controle do comportamento, estamos trabalhando a partir daquilo que foi dito pelo jovem e o agente é um apoiador nesse trabalho. Então na hora que você decide que você não vai dar um soco, quem você vai procurar para te ajudar e te apoiar? E você usa a fala em vez do soco, então você construirá experiências de desconstrução de um comportamento que é feito as vezes sem se perceber que está sendo feito.

O QUE SE DEVE BUSCAR ENTÃO COM ESSAS PRÁTICAS RESTAURATIVAS?

Eu acho que o que se busca é a questão da responsabilidade, é o exercício de novas escolhas, é um protagonismo daqueles que estão envolvidos no conflito, é o cuidado com aqueles que foram vítimas e também a percepção daqueles que estão envolvidos indiretamente da sua corresponsabilidade, acho que a gente falou bastante sobre a responsabilidade daqueles que escolhem um ato violento, mas a prática fala de uma responsabilidade individual, mas ela fundamentalmente fala de uma responsabilidade coletiva, as pessoas, não estão sozinhas na construção de um ato violento, tem situações que antecederam esse ato violento e que com certeza direta ou indiretamente todos nós participamos ninguém chega a um processo de desumanização sozinho. Para ele ter sido desumanizado muitas coisas ocorreram e muitas variáveis interferiram nisso, eu realmente não acredito que uma pessoa chegue num nível de desumanização a ponto de matar o outro sozinho, então numa prática restaurativa essas corresponsabilidades até subjetivas elas estão impostas na hora que as pessoas percebem a parcela que elas têm para a construção de uma nova possibilidade de convivência, então essa prática ela mexe comigo ser for o eu ofensor, ela mexe com a vítima entendendo e atendendo essa pessoa que está com medo, está com raiva, que está com dor, mas ela mexe nesse coletivo que trás também suas corresponsabilidades e trás soluções, oferece soluções para que você possa construir uma nova história, porque na realidade o que queremos é construir novas histórias, as histórias de violência já conhecemos, o que as práticas restaurativas na essência, a justiça restaurativa está querendo é construir novas histórias.

EM SUA OPINIÃO, TODO ESSE PROCESSO, É UM PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO OU DE CONSTRUÇÃO. VOCÊ IMPLEMENTA AS JUSTIÇAS RESTAURATIVAS EM UMA INSTITUIÇÃO OU ISSO FAZ MAIS PARTE DE UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO?

Já vi muitos lugares mudarem muita coisa, acho que um ponto que seja muito desafiador para a justiça restaurativa, é que ainda há uma necessidade das pessoas

em quantificar e eu compreendo e concordo, e estou junto nessa busca. Quantos círculos já foram feitos em tais lugares? Quantos procedimentos foram exitosos? Com plano de ação isso existe em cada lugar você tem os resultados concretos, situações que foram resolvidas com o procedimento restaurativo, instituições que começaram a rever sua dinâmica relacional, suas tramas normativas, a questão da disciplina a luz da justiça restaurativa e grupos que se reúnem para construir uma rede em uma lógica restaurativa, só que isso é um processo lento, até para que ele seja sustentável, aí está a qualidade dos resultados ainda estamos no começo dessa história realmente apesar e serem anos que muitas pessoas se dedicam a isso, você tem realmente ainda muito caminho pela frente, eu tenho um exemplo que acho que é importante contar, que é o exemplo da implementação de uma política pública na Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos, esse trabalho começou em meados de 2009 com dez escolas, nessa época o trabalho foi construído eu estava junto na implementação desse projeto, junto com um grupo chamado Mediativa, depois se formaram mais dez escolas, depois mais dez, foi realmente uma implementação gradual buscando a construção de um novo paradigma. E hoje você tem um núcleo de educação para pais institucionalizado na secretaria, onde os profissionais da secretaria, composta por três profissionais, A Ana Alzira, Márcia e Mariulza que estão formando novas escolas, então não são mais pessoas da sociedade civil, instituições da sociedade civil, desenvolvendo esse projeto mas são as próprias pessoas da secretaria. Isso virou uma política pública, pessoas formando novos profissionais e trabalhando nessa lógica das três dimensões: as questões relacionais, as questões sociais, as questões institucionais. Acho que esse é um excelente exemplo, porque uma prática não vira política pública, ela vira um apolítica de governo, estou falando de uma política pública se ela não trás resultados efetivos considerando que eles precisam ser graduais.

Tem outros dois trabalhos que acho importante de serem referidos como exemplo, um é o trabalho que está sendo desenvolvido na Coordenadoria da Infância e Juventude em São Paulo, aonde cinco regiões foram formadas, juízes, promotores e equipe técnica e essas regiões começaram a ser pólos irradiadores da implementação nessas localidades do trabalho de justiça restaurativa, vale dizer que tanto em Tatuí, Guarulhos, Santos e na própria capital esses pólos irradiadores estão disseminando a proposta, o processo secular estão sendo desenvolvidos, está havendo a discussão institucional sobre essa implementação e o envolvimento de uma rente.

Essa é uma política que está em construção e a coordenadoria da Infância e Juventude, por meio da coordenação do núcleo feito pelo Drº Eriberto de Almeida Benido ele está desenvolvendo a coordenadoria por meio do núcleo que existe, núcleo de justiça restaurativa, há uma política pública ali, trazendo referência para essas regiões e em Belo Horizonte está em desenvolvimento um projeto de concepção teórica e prática de justiça restaurativa com resultados muito interessantes através do Tribunal de Justiça aonde também dois pólos irradiadores estão sendo desenvolvidos, um que anuncia que é o centro de atendimento ao jovem infrator e no JESP(Juizado Especial) aonde a partir das práticas restaurativas e também da dinâmica institucional e também a questão social, esses pólos estão trazendo a educação e outros atores, a universidade, um projeto apoiado pelo Ministério da Justiça e esse projeto que estou desenvolvendo

em Belo Horizonte, é um projeto que visa a construção de uma lógica restaurativa para a resolução de conflitos na cidade.

E qual o âmbito?

Ele começa no Tribunal de Justiça, mas já envolveu a promotoria, a defensoria, a educação, lá tem um termo de cooperação técnica assinada pelo Governo do Estado, Prefeitura, Judiciário, Ministério Público e Defensoria. O desenvolvimento e implementação da justiça restaurativa são resultados muito significativos de que realmente justiça restaurativa traz uma nova resposta.

QUERÍAMOS ENTENDER UM POUCO MELHOR ESSA CULTURA DE PAZ, E COMO SE PRODUZ A PAZ?

Cultura de paz ainda é uma definição muito abstrata, falamos muito em cultura de paz, mas o que é isso? Cultura me remete a cultivo, é a forma mais simples de se entender a cultura de paz, é cultivando novas formas de se relacionar. E é um cultivo mesmo porque a cultura ainda que tenha uma maior plantação digamos, ainda que é uma cultura onde as relações se dão por meio de mecanismos punitivos e violentos para que possamos adequar aqueles que por alguma razão está julgando não estarem fazendo o que deve, e surge uma lógica de exclusão que já foi comprovado, estamos vendo os resultados do que não funciona, cada vez se precisa excluir mais pessoas durante e por mais tempo. A cultura de paz está em processo mesmo e ela é importante mesmo sendo tão abstrata, ela é muito fundamental para que esse tema torne visíveis as violências, pois se não estivéssemos falando nisso estaríamos banalizando totalmente o estado violento da convivência atual. A paz ela é muito desafiadora porque costumamos dizer que ela está lá fora, longe de nós, quem produz a violência é aquele que assalta, que grita, que bate, a violência e a paz está dentro de nós. O primeiro lugar que temos que construir a paz é dentro de nós, e dentro de nós, fazendo um exercício diante de uma situação que não gostamos, como eu me percebo diante dessa situação e trazendo uma resposta que não aumente a violência. Tem horas que conseguimos outras não, não é simples assim, ainda, mas quando falamos de verdade, isso não é tão simples assim. Construir a paz é primeiro olhar pra você, para suas respostas diante daquilo que você não gosta e quando começa a olhar, passamos a ter mais consciência sobre as nossas reações e tendo mais consciência podemos escolher produzir paz.

Um exemplo básico: recebemos um email e algo não nos deixou feliz, não o responde na hora, espera um pouco, leia mais vezes, entenda que aquela pessoa não quis escrever aquilo que você está entendendo, a comunicação é um lugar muito delicado, ela tem a força da aproximação, mas também tem a força do afastamento. Então como eu me comunico com o outro? Quantas vezes eu já disse alguma coisa e que para a outra pessoa aquilo foi uma grande agressão, será que isso não pode está acontecendo ao contrário. Não tem uma intenção, como é que eu trago outros pensamentos na hora que estou em uma situação desconfortável, que possa me ajudar a não me dar a mesma resposta, aquela resposta que eu já conheço, que é a do embate, da violência, do grito, da discordância.

Construir a paz é começar a oxigenar esse canal de comunicação, entrar outras

possibilidades, e pelo menos colocar em dúvida, pois a reação violenta é a certeza de que o outro está em combate comigo, construir paz é colocar uma dúvida na questão, calma! Será que aquilo que o outro está fazendo realmente é algo para me magoar, me destratar? Construir paz nesse momento tem a ver com o indivíduo olhar para si próprio e trazer ações a então a justiça restaurativa por meio desses princípios, entendimentos e práticas restaurativas ela traz uma resposta de reparação.

O QUE A JUSTIÇA RESTAURATIVA MUDOU NA SUA VIDA PESSOAL?

Tudo, primeiro mudou porque eu achava que não era violenta, que violência estava fora de mim, a primeira coisa que me fez olhar foi essa história que eu estava dizendo, como é que eu vou escolher produzir paz e não violência, e não é um processo fácil, então mudou meu entendimento sobre mim, sobre o outro, mudou a concepção que eu tenho sobre as relações, eu diria hoje para vocês que raramente eu julgo as pessoas, e eu julgava muito e achava que não julgava. Hoje consigo olhar uma história e no primeiro momento achar uma coisa, mas logo depois achar outra, e achar também outra, e fazendo esse jogo interno de não ficar presa apenas a uma ideia rotulada, determinista sobre determinadas questões, eu acho que isso foi um ganho muito para mim, se eu começo a pensar ou falar sobre alguma coisa que pode ser contraditória, esse é um exercício desafiador pois é mais fácil se ter respostas prontas mas eu tenho entendido que isso é um ganho muito grande na minha vida porque me tira desse lugar do julgamento e me ajuda a ouvir o outro, muito mais possibilidades, e me ajuda também a perceber quando não estou ouvindo o outro, que caminho eu preciso refazer para entender que aquela pessoa não está querendo me afetar daquela maneira ou está.

Se eu estou fazendo um caminho que não é interessante como faço para refazer esse caminho e me aproximar? Me ajudou a entender também que tem situações que a gente senta em círculos para decidir que aquela relação já deu o que tinha que dar. Não precisamos achar que construir paz é estar o tempo todo com todo mundo e aceitando tudo, não, é poder falar verdadeiramente do que sinto, do que posso das minhas potencialidades, das minhas fragilidades, e chegar e entender quais são meus limites e do outro é também a possibilidade de construir relações verdadeiras, relações que se possa contar para o outro o que se sente, se pensa e ouvir também. A justiça restaurativa na minha vida não é um exercício para candidata a santa, mas é um exercício de candidata a uma pessoa melhor a cada dia.

EM RELAÇÃO AO CURSO, O QUE VOCÊ ACHOU DA EXPERIÊNCIA, EM PRIMEIRO LUGAR DE ESTAR RECEBENDO UM CONVITE DO DEGASE QUE TODO HISTÓRICO QUE FALAMOS NO INÍCIO. E DE ESTAR ALI PODENDO FALAR COM OS PRÓPRIOS AGENTES, OS TÉCNICOS, O QUE TE CHAMOU ATENÇÃO NESSAS FALAS?

Foi uma experiência incrível e surpreendente, porque avançamos muito e não foi tanto tempo assim. Encontrei pessoas muito abertas, e pessoas interessadas em discutir convivência e trazer para essa função que eles têm novos conhecimentos e dá uma

oxigenada nesse processo. Encontrei pessoas sérias, compromissadas com aquilo que fazem e trazendo questões pertinentes que devem ser refletidas mesmo, como que por exemplo a instituição pode ser repensada, acho muito saudável, não vi acusações, não ouvi críticas, não vi uma postura reativa, vi pessoas trazendo elementos que estão presentes em todas as convivências o que nos faz desmistificar e tirar esses rótulos, que é isso, que é aquilo, são pessoas em busca da construção de um novo saber que não nos é oferecido, porque isso é muito recente, nós fomos criados e fomos educados e fizemos nossos processos formativos educacionais dentro de uma lógica punitiva. Todos nós precisamos aprender, entendo eu que as crianças e jovens estão chegando nesse mundo, eles já vem ouvindo outras coisas, eles poderão avançar muito mais do que nós. Mas eu tenho muito respeito a todos os grupos seja no DEGASE ou em outro lugar, eu admiro muito as pessoas que estão nas instituições buscando mudar uma convivência, porque elas estão enfrentando as contradições e desafios e incertezas e uma gama de situações que tem óbvio, um tanto que é de esfera de possibilidades, então poder bom de transformação não o poder sobre o outro, mas poder sobre nós mesmos e trazer uma nova resposta, mas que a gente ainda vive a interferência desse próprio imaginário institucional hierárquico, determinista. Punitivo, eu encontrei pessoas participativas, quando digo participativa no melhor do que é participativo, atentas e escutando, mas também falando, trazendo questões, indagando inquietos, ou seja, com muito respeito ao trabalho que eles fazem. Que bom que pude ter esse encontro e penso que para avançar mais precisa de uma série de coisas, mais processos formativos, pensar mais essa instituição em uma lógica restaurativa.

QUAL O BALANÇO GERAL QUE A AVALIAÇÃO VOCÊ FAZ DO CURSO E DA INSERÇÃO DESSE TEMA DENTRO DO CURRÍCULO, DA GRADE CURRICULAR DO CURSO?

Quando fui chamada fiquei perguntando como que é que isso poderia entrar e em que lugar poderia entrar isso, depois de ter encontrado os grupos eu penso que tem espaços dentro da grade curricular para se pensar um conteúdo que possa contribuir primeiro com uma reflexão sobre essa instituição e dedicar um tempo para isso, um repensar e mecanismos participativos e pensar a convivência a luz do ECA e do SINASE pois todos os dois apontam a necessidade de se trabalhar uma lógica de responsabilidade. O próprio SINASE fala das práticas restaurativas, acho que isso é um ponto importante. O segundo ponto que é possível incluir no conteúdo são aprendizados das práticas restaurativas, as pessoas aprenderem e irem identificando quais são as situações que inicialmente são válidas de se usar um processo restaurativo, não são todos no começo, isso também é gradual, é uma implementação que se constrói gradualmente, e por último pensar como o DEGASE com as suas possibilidades internas daquilo que ele já faz, fortalecer os projetos que eles tem com os jovens, da própria formação da escola, das pesquisas. Que a justiça restaurativa não chegue dizendo, estamos aqui e vocês não fazem nada, acho que não é isso, é chegar com esses saberes para interagir com os saberes que estão no curso do DEGASE.